

A experiência da metodologia camponês a camponês em territórios de identidade rural no Nordeste do Brasil

Pedro Zucon Ramos de Siqueira – UFS - pedrozucon@gmail.com, Jorge Enrique Montálvan Rabanal – UFS – rabanal80@gmail.com, Marília Fontes – UFS - marilia_fontes@yahoo.com.br, Henrique de Cerqueira Souza – Universidade Estadual de Feira de Santana - souza_henrique@hotmail.com, Edmar Ramos de Siqueira – Embrapa Tabuleiros Costeiros – edmar.siqueira@embrapa.br

Resumo – A pesquisa teve por objetivo a promoção da transição agroecológica em territórios de identidade rural por meio do ajuste da metodologia “campesino a campesino” visando à promoção do desenvolvimento sustentável e solidário nas condições do Nordeste do Brasil. Foram identificadas famílias agricultoras camponesas com perfil para inserção em redes de transição agroecológica, potenciais promotores de intercâmbios entre elas para a troca de experiências e saberes. O trabalho foi realizado no Território de identidade rural Sul Sergipano localizado nos tabuleiros costeiros do estado de Sergipe. A realização das ações resultou de uma parceria efetiva entre Colegiado Territorial, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA-SE), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Centro de Formação e Assistência Comunitária (CFAC). Para a operacionalização do trabalho e ajuste da metodologia foram potencializadas as redes sociais de agroecologia existentes na região. Os resultados referem-se à identificação das principais experiências de transição agroecológica da região, a consolidação das redes existentes e a criação de formas inovadoras de intercâmbio de experiências potencializadas pela metodologia ajustada, então denominada “camponês a camponês”. Os aprendizados referem-se à forma de construção coletiva necessária para a introdução de conhecimento agroecológico e, principalmente, de conceitos de maior complexidade, como agrofloresta sucessional e, a perspectiva de construção de uma nova abordagem para a extensão rural em agricultura familiar e camponesa em territórios de identidade rural.

Palavras-chave: agroecologia, agricultura camponesa, Sergipe, Brasil.

Introdução

A pesquisa foi realizada no Território de identidade rural Sul Sergipano (Figura 1), localizado nos tabuleiros costeiros do estado de Sergipe, pertencente ao bioma mata atlântica do Nordeste Brasileiro, que abrange doze municípios: Arauá, Boquim, Estância, Cristinápolis, Indiaroba, Itabaianinha, Itaporanga D’Ájuda, Pedrinhas, Salgado, Santa Luzia do Itanhi, Tomar do Geru e Umbaúba.

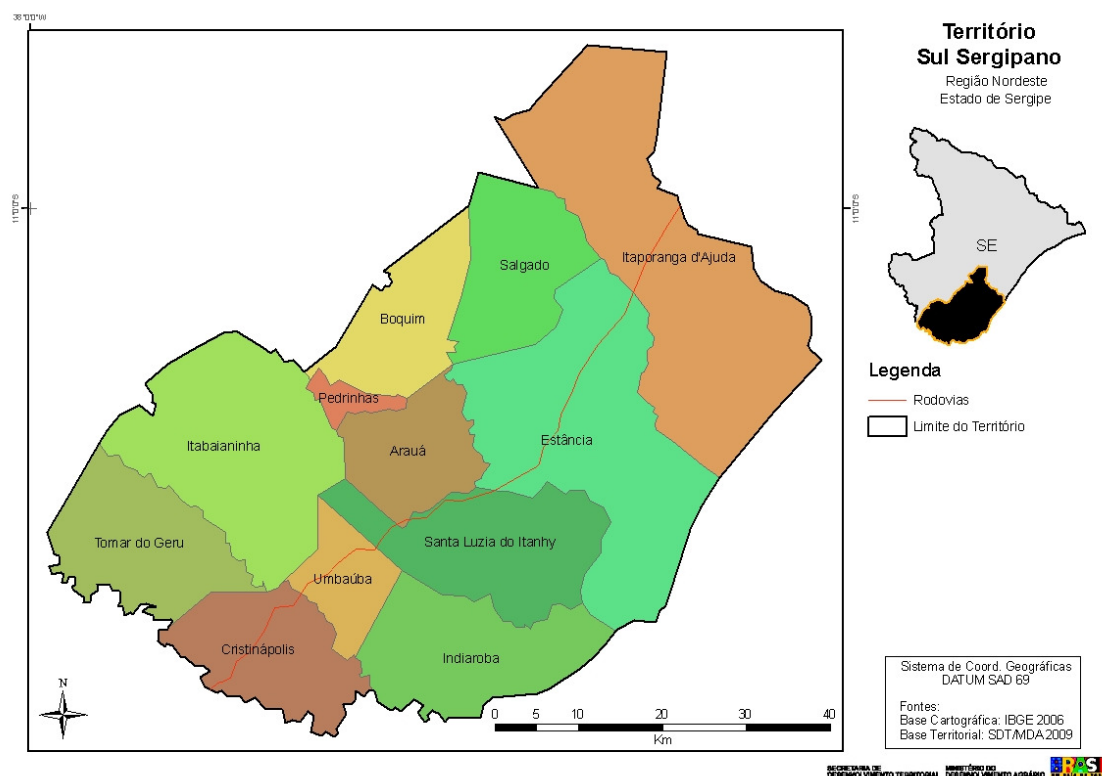


Figura 1. Território da Cidadania Sul Sergipano. Sergipe. Brasil.

A realização das ações resultou de uma parceria efetiva entre Colegiado Territorial, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA-SE), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Centro de Formação e Assistência Comunitária (CFAC).

A região costeira do Nordeste do Brasil é considerada uma área de umidade favorável para agricultura, mas com solos de baixa fertilidade, escassa cobertura florestal e explorada, principalmente, com a pecuária extensiva. O percentual de áreas alteradas/degradadas é alto, fato provocado pelo baixo nível de pertinência ecológica dos sistemas de produção e a presença de extensas áreas de monocultura, como cana-de-açúcar, citros e coco, com sistemas de produção, de modo geral, de alto impacto ambiental negativo.

Como contraponto às explorações agropecuárias extensivas existe a agricultura familiar, como o modo de produção da grande maioria de produtores, que se aproxima de um estilo agroecológico de praticar agricultura e é responsável por grande percentual dos alimentos produzidos na região, apesar de deter o menor volume das terras. A ela é destinada os solos de baixa fertilidade e com maior grau de degradação. Entendendo a agroecologia como um enfoque que valoriza o conhecimento local, campesino e indígena e seus conteúdos históricos gerados como consequência das múltiplas formas de resistência cultural (Guzmán, 2011:16).

Esta lógica de intervenção provocou uma depressão da renda na região. Diante desta conjuntura, um grande desafio técnico-científico é recuperar a qualidade dos solos destas áreas e viabilizá-las como um local passível de obter renda e melhor qualidade de vida para os seus habitantes, cujas soluções estão em sistemas de produção de base mais ecológica que viabilizem a produção de alimentos, fibras e energia e, simultaneamente a restauração da qualidade dos solos.

Para viabilizar a inovação agroecológica foi realizada uma ação de pesquisa cujo objetivo foi o ajuste da metodologia “campesino a campesino” de autoria de Eric Holt-Giménez visando acelerar a difusão da agroecologia no Nordeste do Brasil.

O trabalho traz um conjunto de passos metodológicos trilhados na construção do conhecimento agroecológico no Território Sul Sergipano, onde foram desenvolvidas no último ano uma série de identificações, sistematizações e intercâmbios de experiências. O resultado é um processo de construção do conhecimento agroecológico interligado por redes de agricultores assentados, que partilham seus saberes norteados pela metodologia “camponês a camponês”.

Essa metodologia consiste no intercâmbio de conhecimentos onde, a forma de compartilhamento, são os diálogos que se baseiam em investigação e ações coordenadas e dirigidas pelos camponeses.

O ambiente em que se formou a maioria dos técnicos extensionistas está impregnado pela influência da revolução verde e de práticas que visam “modernizar” o campo. Desta forma é preciso reposicionar o papel da assistência técnica e da extensão rural, onde seja valorizado e retomado o protagonismo dos camponeses e camponesas e, para isso é necessário resgatar princípios como o diálogo, a horizontalidade, enfim, uma forma de construção coletiva e a metodologia “camponês a camponês” contempla de forma muito marcante estes princípios.

No campo brasileiro ainda é vigente a prática da transferência de tecnologia, quase sempre visando a lógica de maximizar rendimento aplicado em uma condição vertical, onde o agricultor é identificado como o receptor que adota determinada prática. No contexto que se busca elucidar neste trabalho, as práticas realizadas pelos camponeses assentados devem gerar conhecimentos que serão repassados em uma comunicação horizontal de camponês a camponês e que promova um movimento de ação-reflexão-ação ou ver-julgar-agir capaz de adaptar os conhecimentos nas diversas realidades camponesas do Território.

Partimos do entendimento que alguns dos problemas que existem nas unidades camponesas de produção agropecuária da reforma agrária, denominadas assentamentos, possuem características muito próprias e que está sob controle dos camponeses, como o trabalho familiar, habilidade de gerenciar o lote produtivo e o conhecimento agroecológico. Logo, os instrumentos utilizados pela metodologia, como a sistematização da experiência camponesa devem focar justamente nos problemas endógenos que ganharam uma solução camponesa e que podem ser complementados com saberes técnicos, porém de uma forma participativa de construção coletiva. Assim será preciso compreender o manejo próprio que cada família camponesa dá a sua forma de fazer agricultura e transformá-la em um ponto gerador de conhecimento, com facilidade de comunicação e com postura crítica frente às tentativas de invasão cultural.

A metodologia “campesino a campesino” tem suas origens nas comunidades Maya Kaqchikeles de Chimaltenago na Guatemala. Em 1972 houve uma experiência de um extensionista, que trabalhava para a organização não-governamental (ONG) norte-americana

Vecinos Mundiales nestas comunidades. O profissional havia desenvolvido técnicas eficientes para a produção de milho empregando adubação orgânica e práticas de cultivo adequadas para a região e obtendo resultados mais favoráveis que os das plantações que usavam fertilizantes químicos. Esses insumos industriais haviam degradado o solo e endividado os pequenos agricultores. Como o extensionista não falava a língua local e somente alguns poucos camponeses falavam o espanhol, a maneira de fazer os agricultores conhecerem suas experiências foi por meio de demonstração e experimentação das práticas por alguns camponeses. Constatando os rápidos e satisfatórios resultados, os agricultores experimentadores se encorajaram a compartilhar suas experiências com vizinhos e outros agricultores. Era o método camponês a camponês que, da maneira como surge e se desenvolve, se aproxima das idéias de Paulo Freire (Freire, 1979:82), quando defende relações horizontais entre o educador que aprende e é assim educando e, o educando que ensina e é, portanto, também educador.

O método tem sido utilizado em vários países da América Latina, como Nicarágua, El Salvador, Guatemala, México e Cuba, onde tem apresentado resultados importantes nos seus processos de transição agroecológica, trabalhando com a seguinte estrutura: a família camponesa que já tem alguma experiência com a agroecologia e desenvolve soluções, transforma-se em um promotor das suas práticas e a partir de intercâmbios onde ele visita o lote de outras famílias agricultoras e/ou recebe visita destas, ocorre a aprendizagem e a construção do conhecimento agroecológico.

Trilhas metodológicas: Contexto de Sergipe

Para o início dos trabalhos foi construído um processo de integração da equipe de liderança do projeto com o Colegiado Territorial, o que propiciou um conhecimento aprofundado acerca da realidade do Território, que viabilizou a identificação de redes de agroecologia existentes com suas histórias de construção.

Após a identificação destas redes foi articulada a inserção da equipe técnica neste contexto e agendada uma série de intercâmbios visando a aplicação e o ajuste da metodologia “campesino a campesino” que pretende defender a idéia de que se construam movimentos

integrados como base para uma agricultura sustentável, dirigidos por camponeses (Holt-Giménez, 2008:12).

A metodologia, tal como experienciada em Cuba (Sosa et al., 2010:65), segue três passos básicos na fase de implantação:

I. A problematização – onde são identificados, por meio de diagnóstico rural participativo, os problemas concretos que precisarão ser atacados.

II. A experimentação - adoção de uma prática a fim de solucionar o problema identificado. III.

A promoção e multiplicação das práticas – por meio dos intercâmbios se socializam as experiências exitosas. Práticas simples, de baixo custo e com resultados rápidos são importantes para o efeito entusiasta necessário à credibilidade do processo. Seus princípios podem ser resumidos nas seguintes expressões que utilizam: 1. “Vista-me devagar que estou com pressa.” 2. “Mais vale uma idéia na cabeça de cem, do que cem idéias na cabeça de um.” 3. “A palavra convence, mas o exemplo arrasta.” 4. “É preciso engatinhar antes de caminhar.” 5. “Quando o camponês vê, ele acredita.”

A metodologia contribui na transformação social de sujeitos que historicamente foram marginalizados e que superaram essa condição ao se organizarem e com isso protagonizaram um papel vitorioso na luta pela democratização da terra. Mas, ainda assim, travam no seu cotidiano batalhas diárias para garantir sua manutenção no campo.

A atuação da equipe executora da pesquisa nos assentamentos não pode ser estritamente técnica, mas deve representar uma oportunidade de se envolver no cotidiano das comunidades, em suas diversas relações sociais, por isso o método de pesquisa-ação foi empregado.

Para qualificar a atuação nos assentamentos foi preciso entendê-los como parte da “Questão Agrária” brasileira, que em seu desenrolar histórico carrega o legado de extrema exclusão, violência e concentração de terras, e, a partir desse entendimento, perceber que a criação de assentamentos traz no seu interior elementos que permitem desconcentrar as múltiplas

dimensões do território, ou seja, interferem diretamente nas condições sociais, econômicas e ambientais do município e arredores.

Espera-se que o pesquisador e o extensionista posicionem-se frente às propostas técnicas e políticas, aparentemente neutras, apresentadas aos nossos agricultores assentados. Necessita-se de técnicos críticos, e que estejam dispostos ao diálogo, e muito mais dispostos a escutar e a contribuir com os processos organizativos emancipadores, que consigam estimular a organização social, que cria as condições reais de emancipação e autonomia.

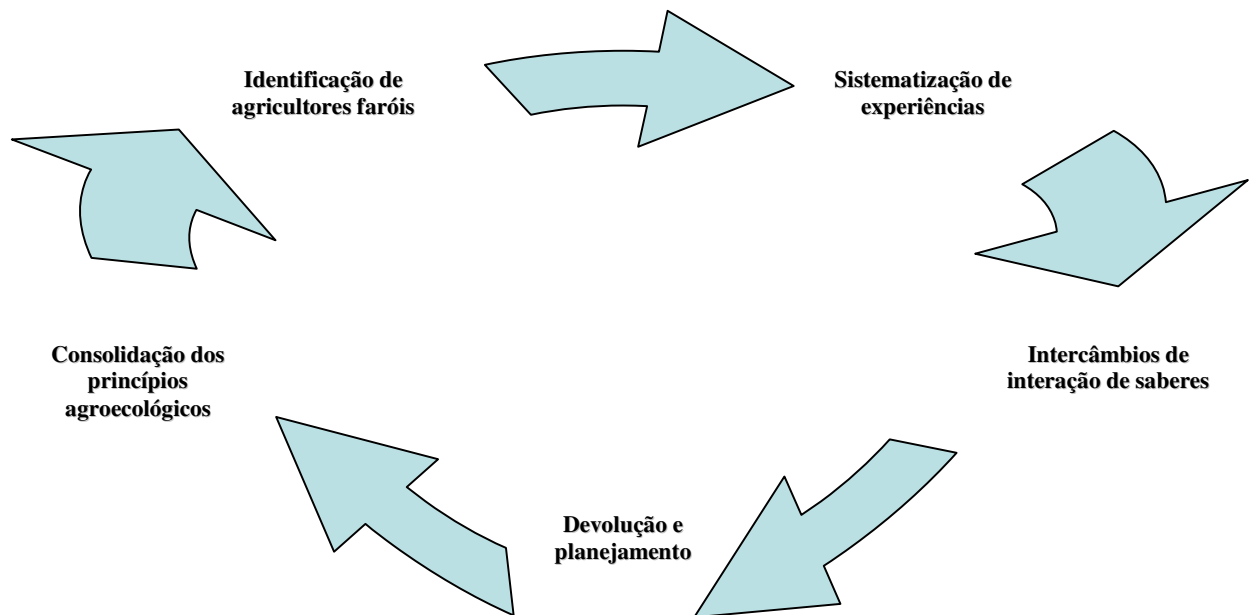
Tecendo a redes

Uma forma organizativa que tem conseguido resultados importantes é a formação de redes. As redes de camponeses conseguem integrar essas experiências, anteriormente isoladas e torná-las referência na construção do conhecimento agroecológico para apoiar a construção de um estilo produtivo de base ecológica, que garanta a soberania alimentar e o fortalecimento do campesinato.

As redes de agroecologia têm criado ambientes de interação social fecundos para o aprendizado com base na experimentação prática e no intercâmbio de conhecimentos entre as famílias agricultoras e destas com técnicos, assessores e pesquisadores.

As redes locais de experimentação, de troca de experiências e de organização social, fazem parte do meio socioambiental de características próprias, onde as famílias se organizam em circuitos dinâmicos de troca e produção de novos conhecimentos.

Dessa forma, formatou-se um processo que se iniciou com a consolidação de uma rede de agricultores já existente, para isso, foram realizadas as seguintes etapas, conforme fluxograma que se segue:



A política de desenvolvimento territorial, em Sergipe, possibilitou no Território da cidadania Sul Sergipano a construção das redes de agroecologia em 2009, formadas por extensionistas, pesquisadores(as), camponeses(as) e pequenos agricultores(as) de comunidades e assentamentos de reforma agrária, fruto de um projeto liderado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros intitulado “Articulação para a geração e transferência de tecnologia, produtos e serviços, de base ecológica, para o desenvolvimento endógeno do Território Rural Centro-Sul de Sergipe” em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA).

Neste contexto foram promovidos cursos, oficinas, áreas experimentais criadas pelos camponeses, dias de campo, enfim, diversas atividades que movimentaram as redes. Porém nos anos de 2010 e 2011, por dificuldades de acompanhamento, de recursos, do protagonismo camponês e de proposta metodológica para socializar e dar escala às experiências agroecológicas as redes se desarticularam, porém existiam ali, ainda que latente, as sementes plantadas.

Em meados de 2011, impulsionados pelo II Encontro Estadual da Rede Sergipana de Agroecologia (RESEA), extensionistas e militantes de movimentos sociais do campo

iniciaram um diálogo sobre as dificuldades e os avanços da agroecologia no Estado, formaram um coletivo de trabalho e durante o caminhar acessaram a metodologia “camponês a camponês” e então tiveram a certeza que encontraram um caminho seguro para a construção do conhecimento agroecológico no estado de Sergipe, com abordagem territorial.

Iniciou-se o processo pela aprovação junto à Embrapa do projeto de pesquisa “Construção do conhecimento agroecológico em territórios de identidade rural por meio de intercâmbios em redes sociais”, que tem por objetivo ajustar a metodologia camponês a camponês. Para colocá-lo em prática foram retomadas as redes de agroecologia do território, ampliadas as parcerias e identificando os(as) agricultores(as) faróis.

Nessa nova fase da rede de agroecologia do território sul, a metodologia usada dá o tom do protagonismo dos camponeses e da horizontalidade das ações e a rede hoje é conhecida como Rede “Camponês a Camponês”. As parcerias foram consolidadas e ampliadas, a saber: UFV, UFS, Embrapa, o Colegiado Territorial, INCRA, MST e o CFAC que organizam os intercâmbios, aportam recursos para a realização dos intercâmbios, viagens, almoços, cursos e capacitações.

Assim, consegue-se avançar e abranger significativo número de famílias camponesas. Atualmente, compõe a rede 21 comunidades da região sul de Sergipe, com 163 famílias, conforme **Tabela 1**.

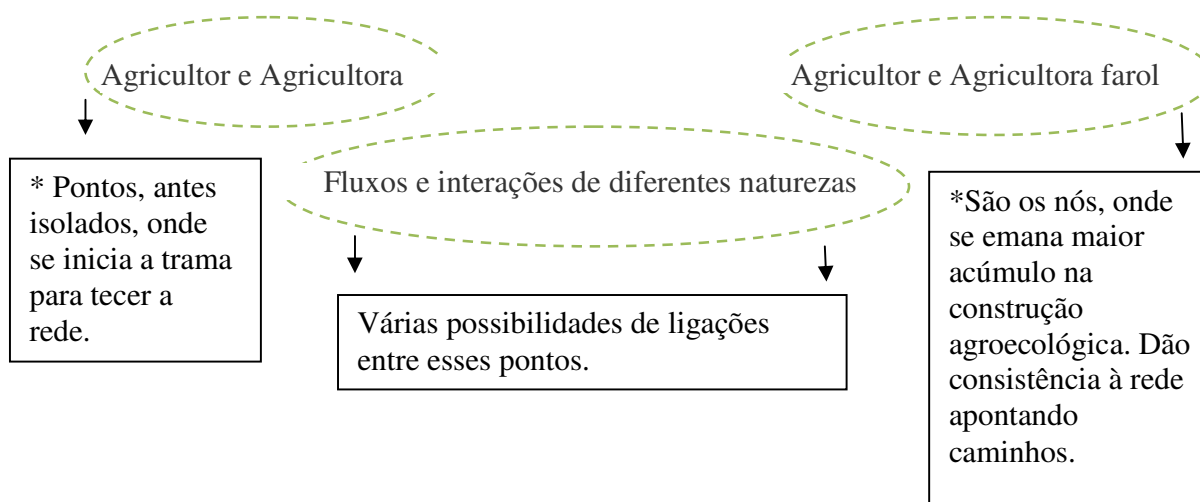
Tabela 1: Comunidades e número de famílias integrantes da rede em 2013.

Município	Comunidade	Ano de criação	Famílias	Famílias na rede
Itaporanga D’Ajuda	P.A Padre Josimo Tavares	2006	10	5
	P.A Darci Ribeiro	2005	40	6
	Dorcelina Folador	2001	51	5
	P.A Dom Helder	2005	19	7
Sant a Luzi	Mocambo	1996	45	15
	Pau torto	1992	48	1

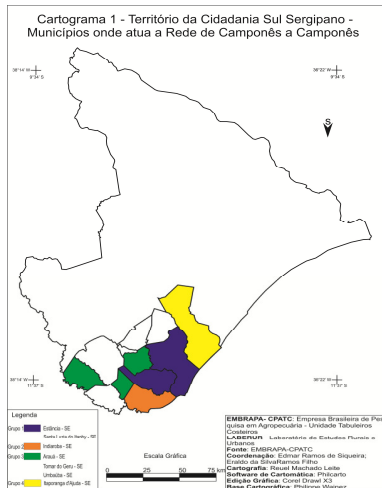
	Priapu	1991	53	4
Estância	P.A Paulo Freire	2001	24	4
	P.A Rosa Luxemburgo	2005	26	6
	P.A Analício Barros	2010	10	2
	P.A 17 de Abril	2005	30	6
	P.A Roseli Nunes	1999	35	17
	P.A Bispo Dom Helder	2007	28	3
Araúá	Colônia Sucupira	1972	23	7
	P.A Carlos Gato	2011		12
Umbaúba	P.A Campo Alegre	1998	25	6
Tomar do Geru	P.A 27 de abril	2002	55	4
Indiaroba	P.A Joelia Lima	2005	45	3
	P.A 07 Brejos	1997	67	2
	Bom Jesus	1996	35	7
Total de famílias				122

Fonte: Arquivos do Projeto “Construção do conhecimento agroecológico em territórios de identidade rural por meio de intercâmbios em rede social”.

Esquemáticamente a rede “camponês a camponês” pode ser representada por três componentes:



* Para facilitar a logística de transporte para a realização dos intercâmbios a rede foi subdividida em grupos de acordo com os municípios, como mostra o cartograma abaixo:



A identificação de Agricultores Faróis

É consenso entre as principais teorias que o conceito de campesinato baseia-se no tamanho da propriedade e no tipo de utilização da terra definida pelo trabalho familiar utilizado. A luz da ciência agroecológica, acrescenta-se na definição de campesinato o conhecimento do agricultor sobre o manejo do agroecossistema, e dessa forma, a relação que estabelece com a natureza, ao se considerar parte integrante em um processo de coevolução. Por isso, tendem a programar e desenvolver sistemas agrícolas que sugerem uma racionalidade ecológica na produção.

Nessa lógica, encontramos famílias camponesas assentadas, que com suas famílias cultivam uma maneira viável de permanecer no campo. A preservação de práticas ancestrais ao longo da história tem rotulado agricultores como atrasados, porém são essenciais no alcance por mais autonomia.

Quando identificamos práticas sustentadas por uma sabedoria hereditária, ou desenvolvida pelo próprio camponês, que com a observação da natureza e reflexão de sua prática, inova,

e de forma criativa resolve um problema enfrentado no dia a dia, percebemos a necessidade de resignificar esta prática como um farol agroecológico.

A resignificação de práticas agroecológicas, como conservar sementes tradicionais, produzir o próprio adubo orgânico, diversificar plantações ou processar alimentos, se faz necessária por encontrarem um paralelo moderno que busca anular essas práticas camponesas.

Como identificar os Agricultores Faróis?

Os técnicos que vivem o cotidiano dos assentamentos e atuam em territórios que envolvem essa realidade, conhecem as famílias camponesas assentadas que possuem referência agroecológica. O começo é feito com pelo menos uma família identificada que pode receber uma visita de outros tantos que vivem em uma mesma condição territorial.

Outra forma de se concretizar a identificação dos agricultores faróis, é a realização de uma oficina com as famílias de um ou mais assentamentos para construir o entendimento de Agricultor Farol e identificá-los por meio de metodologias de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP).

Algumas técnicas de DRP apropriadas:	
“Entra e sai” (VERDEJO, 2007)	Permite identificar com cada agricultor que planta, como planta, os insumos que utiliza e o que comercializa. Para que a técnica não tenha que ser aplicada a todos os agricultores, em conjunto é feita uma seleção, indicada por eles, daqueles agricultores que supostamente sejam os <i>faróis</i> , então aplica-se a dinâmica do “entra e sai” com os agricultores indicados em plenária. Nessa mesma plenária se confirmará ou refutará a indicação.
“Bola de Neve”	Consiste em observar a experiência do agricultor ressaltando as práticas que se pretende trabalhar, no

	caso as inovações agroecológicas, e no final da visita perguntar ao agricultor se ele conhece mais alguém, naquelas redondezas, que possui as mesmas práticas, ou algo similar. Dessa forma, após as indicação, repetir essa pergunta para cada agricultor, o desenrolar do processo pressupõe a criação de uma verdadeira bola de neve, que cada vez que caminha, aumenta e que é capaz de abarcar um grande número de experiências.
--	---

Uma vez identificados, a demanda emergente é a de dar escala às experiências exitosas, integrá-las e torná-las *experiências “faróis”*, que sejam referência na construção do conhecimento agroecológico. Para isso utiliza-se dois instrumentos importantíssimos, a sistematização dessa experiência e os intercâmbios.

Sistematizando experiências faróis

A sistematização de experiências é uma recente etapa do processo de construção do conhecimento agroecológico, que se propõe a refletir sobre os trabalhos em campo, com a finalidade de melhor compreender os processos que estão envolvidos, assim como, para fazê-los conhecidos. Ou seja, sistematiza-se para difundir uma experiência e para documentá-la, evitando que se perca quando da finalização dos projetos, ou quando o ator social que estava responsável por essa experiência passa a se dedicar a outra atividade.

A sistematização de experiências agroecológicas quando inserida num processo participativo de construção do conhecimento, deve identificar quais processos metodológicos possibilitam a construção coletiva e a socialização dos saberes. Esse desafio implica necessariamente na superação das abordagens difusionistas direcionadas a mera transferência de tecnologias pontuais, onde os métodos são prioritariamente voltados para a capacitação instrumental dos agricultores do que para a expansão de seus conhecimentos e de suas margens de liberdade para inovar. Diante disso, é necessário que se tenha uma atitude

flexível e reflexiva, disposta a avaliar frequentemente o que vem sendo experimentado, como vem sendo experimentado, e quais métodos vem ganhando destaque nesse processo (Chavez-Tafur, 2007:12).

No processo de sistematização de experiências, no Sul de Sergipe, foi utilizado o método da caminhada guiada, onde o agricultor percorre sua propriedade guiando o grupo aos locais que, na sua percepção, são de maior importância.

Este será um processo não só de documentação, mas também de reflexão sobre sua transição de estilo produtivo. Além disso, para cada experiência sistematizada é interessante que seja produzido um boletim informativo.

É essencial que a família camponesa seja convidada para fazer a tarefa juntamente com o técnico e, que ele diga o que gostaria de ver escrito no boletim, e por meio do diálogo construam a sistematização, refletindo a prática agrícola.

Durante a sistematização é importante um trabalho em equipe, onde se dividam três funções distintas: um relator; um facilitador e um observador. O objetivo dessa divisão é conduzir o processo da forma mais natural possível, e no formato de um bate-papo, onde o agricultor é o sujeito pleno de suas ações e o facilitador é o provocador das reflexões.

Intercâmbios “camponês a camponês”

Um roteiro sugerido para realização de um intercâmbio traz:

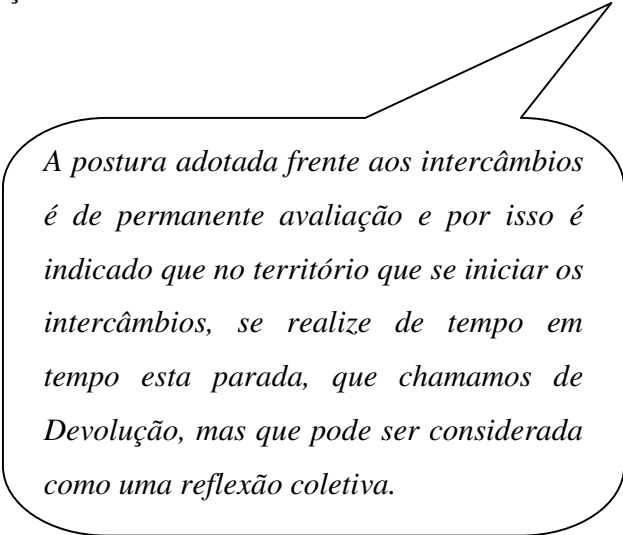
- 1- Momento de congregação com uma dinâmica e espaço de manifestações culturais e das religiosidades da comunidade que recebe a visita;
São realizadas canções orações e conversas que expressam um pouco da identidade cultural do grupo presente.
- 2- Apresentação do grupo que participa do intercâmbio;
Cada membro tem oportunidade de se apresentar, e a depender do tamanho do grupo falar um pouco sobre as razões que o trazem ali, muitas vezes este processo pode ocorrer por meio de dinâmicas.

- 3- História de vida e prática agroecológica do camponês que recebe a visita;
A família que recebe o intercâmbio tem a oportunidade de contar sua história de vida, ressaltando pontos como a forma como aprendeu a fazer agricultura, as relações de trabalho entre a família e a terra e demais temas que considerem importantes em suas trajetórias.
- 4- Visita ao lote do anfitrião do intercâmbio através da *caminhada guiada*;
O grupo caminha pelo lote observando as práticas existentes, entre o percurso o anfitrião pode explicar experiências exitosas ou receber contribuições dos demais para problemas que vem enfrentando. Os técnicos que acompanham podem contribuir apontando questionamentos ou práticas exitosas que por vezes podem passar despercebidas.
- 5- Avaliação do dia :
São sugeridas as seguintes questões para dinamizar o debate sobre a experiência deste intercâmbio: O que eu vi aqui que eu posso levar como conhecimento para minha roça? O que o camponês que nos recebeu, poderia fazer a mais para potencializar e melhorar a experiência dele? O que eu vi nessa experiência que eu tiraria, ou seja, que acho que ele (a) não deveria fazer?
- 6- Escolha do agricultor que recebe o próximo intercâmbio.
È indicado pelo grupo um ou mais nomes de famílias que eles considerem ter proximidades com a agroecologia, para receber os próximos intercâmbios.

É importante que o intercâmbio traga a cultura local em sua essência, portanto deixar espaços para a cultura camponesa se faz essencial, bem como garantir que a alimentação seja feita principalmente com a produção do assentamento e que seja algo característico da família que recebe. A atividade deve trazer encantamento nos assentados que participam, para que se sintam motivados em participar dos próximos. O ideal é espaçar os intercâmbios mês a mês no território que se estiver estruturando as ações.

Restituição/ Devolução e Planejamento

Após um número inicial de intercâmbios, suficientes para a consolidação de um grupo coeso e fluido na construção de um conceito local de agroecologia, é realizado um momento de reflexão entre os agricultores, avaliando o método, as experiências visitadas e as demandas por conhecimentos agroecológicos. Para tanto é feita algumas perguntas aos assentados, promovendo um diálogo aberto, porém com uma estrutura definida anteriormente, que consiste na construção das respostas à *matriz de sistematização agroecológica*, cujo eixo vertical descreve parâmetros relacionados com os objetivos da sistematização de experiências: troca de conhecimento, grau de transição, princípios e práticas adotadas, envolvimento das famílias, identificação de demandas, receptividade à inovação agroecológica e, no eixo horizontal, se apresentavam os parâmetros de referência para avaliação do alcance dos objetivos: comunidade, instituições parceiras e metodologia utilizada. O cruzamento desses eixos, orientam as perguntas, que fomentam o debate com os camponeses na “*Devolução*”.



A postura adotada frente aos intercâmbios é de permanente avaliação e por isso é indicado que no território que se iniciar os intercâmbios, se realize de tempo em tempo esta parada, que chamamos de Devolução, mas que pode ser considerada como uma reflexão coletiva.

A partir das sistematizações dos agricultores faróis e da matriz de sistematização agroecológica, que é construída participativamente com os camponeses, elege-se no grupo princípios que orientarão os próximos intercâmbios guiando as temáticas que serão debatidas nestas visitas e impulsionando também as escolhas de oficinas a serem facilitadas por agricultores que possuam alguma experiência exitosa no tema ou, caso não haja, por demais técnicos ou pesquisadores que possam contribuir neste diálogo.

- Para exemplificar os princípios listados na primeira sistematização agroecológica da rede de Estância foram:

1. Plantar sem veneno
2. Não usar fogo
3. Cuidar do solo
4. Plantar para não comprar
5. Diversidade e integração lavoura-pecuária
6. Produzir o próprio adubo
7. Controle alternativo de pragas
8. Ter e saber usar árvores
9. Aproveitar mato para cobertura
10. Troca de saberes
11. Soberania alimentar
12. Respeito e valorização da mulher.

De posse da avaliação dos assentados da primeira rodada de intercâmbios e com princípios construídos na referência dos intercâmbios sistematizados, passa-se a orientar os intercâmbios seguintes pelas demandas dos agricultores. O agricultor que não se sente contemplado por alguma prática identificada como princípio sistematizado, propõe no coletivo que sua deficiência seja tema do próximo intercâmbio a ser realizado. Desta maneira podemos dar ênfase aos temas de complexo entendimento dos agricultores, como: usar árvores na roça; não usar fogo; produzir o próprio adubo, comercialização etc.

No caso de uma das quatro redes de intercâmbios que foram estruturadas, na de Estância foram trilhados alguns passos até 2014:

- 1- O processo de identificação e sistematização das experiências;
- 2- Intercâmbios de experiências orientados pelas sistematizações;
- 3- A devolução/reflexão que gerou uma lista de princípios;
- 4- Uma nova série de intercâmbios que atendiam as demandas dos assentados que participam dos intercâmbios;

- 5- Outra devolução/reflexão que constituiu uma coordenação da agroecologia na rede de Estância que tem atuado em problemas reais identificados pelos agricultores a exemplo da comercialização.

Conquistas alcançadas e próximos passos – Desdobramentos:

Como resultado do uso da metodologia de Camponês a Camponês, podemos observar avanços do ponto de vista metodológico, técnico e de participação social, devendo de forma atenciosa e dialógica discutir as possíveis formas de adaptação para as realidades locais.

- Metodologicamente se utilizou do *Seminário Estadual de Agroecologia* para a discussão, nivelamento das informações e socialização de experiências sistematizadas com a finalidade de transversalizar a utilização da metodologia no maior número de núcleos de Assistência Técnica e Extensão Social (ATES) do Estado, integrando as experiências agroecológicas e estimulando a sistematização de experiências como prática central da assistência técnica.
- A partir desse seminário se estabeleceu o *Coletivo Estadual de Agroecologia*, formado por técnicos dos diferentes núcleos operacionais onde as experiências continuaram a ser discutidas desaguando na realização do *Seminário Regional de Agroecologia* de cada núcleo, onde as experiências foram socializadas com o grupo de camponeses interessados, formando assim, junto aos técnicos daquele núcleo, o *Coletivo Regional de Agroecologia*.
- Com a criação desse coletivo estadual e com os trabalhos nos núcleos operacionais foi possível ao setor de produção do MST, propor a construção de uma *Rede Estadual*, que foi formalizada no dia 04 de fevereiro de 2014, onde estavam presentes os representantes dos coletivos regionais, construídos durante o encontro regional de agroecologia, que aconteceu em todos os núcleos operacionais.

A *Rede Estadual de Agroecologia* tem por objetivo principal organizar os trabalhos com a agroecologia no estado de Sergipe, identificar o número de agricultores que praticam a agroecologia e então propor ações, projetos, certificações, comercialização,

enfim, criar as ferramentas que poderão apoiar, fortalecer e ampliar a rede agroecológica de assentados da Reforma Agrária.

Para a consolidação desta rede foram pensadas ações nos núcleos operacionais, ou seja, metas específicas que serão trabalhadas nos coletivos regionais de agroecologia. Essas ações ajudarão a criar a unidade do grupo regional, a socializar e construir o conhecimento agroecológico, estabelecer os princípios agroecológicos que nortearão a ação do grupo, assim como, identificar as ações que podem potencializar as iniciativas agroecológicas já presentes no dia a dia das famílias camponesas, além de identificar os anseios e expectativas dos mesmos.

Até o momento ainda é necessário dar um passo qualitativo das ações em agroecologia formando o primeiro grupo de “Promotores/Multiplicadores” do estado de Sergipe. Promotores ou Multiplicadores são aqueles camponeses que terão a missão de semear a agroecologia, de espalhar em sua comunidade, em seu território, os conhecimentos e a prática agroecológica. Por isso, o (a) promotor (a) deve ser indicado levando-se em consideração os seguintes princípios:

- a) Trabalhar no seu lote utilizando práticas agroecológicas;
- b) Ter interesse em aprender e ensinar;
- c) Ser reconhecido em sua comunidade e se relacionar bem no local onde vive;
- d) Ter o compromisso de socializar o conhecimento, após o resultado de sua prática;
- e) Ter disponibilidade de receber grupos para intercâmbio e visitar os camponeses do entorno, trocando conhecimento e sempre estimulando à prática agroecológica;
- f) Ser humilde e respeitar o conhecimento dos demais camponeses;
- g) Ter compromisso com a reforma agrária e com a agricultura camponesa;

Para a construção do grupo de promotores, foi planejada uma formação em 12 módulos, sendo cada um de três dias. Essa formação tem o caráter organizativo, político e prático. Os

temas trabalhados abarcarão necessidades organizativas, ou seja, como organizamos a rede estadual de agroecologia, qual o papel dos envolvidos: camponeses, promotores, técnicos e parceiros, como e quais indicadores usaremos para monitorar os avanços e as conquistas. Também trabalharemos de forma constante na formação temas como o campesinato, questão agrária e agroecologia. Ainda, teremos os módulos práticos, onde aprofundaremos os princípios agroecológicos, praticaremos técnicas e ferramentas que ajudarão a impulsionar as práticas agroecológicas camponesas identificadas em todo o Estado.

Os técnicos que formam o coletivo estadual de agroecologia irão participar da formação, com a tarefa de acompanhar os camponeses (as) de seu núcleo de atuação que participam da formação, aplicando os conhecimentos aprendidos e trocados, sistematizando junto com ele (a) sua prática e monitorando os avanços organizativos e produtivos da rede.

Dessa forma, acreditamos que poderemos expandir os trabalhos em agroecologia, por meio de uma metodologia que pode ser aplicada e ajustada pelas equipes da, em qualquer lugar, desde que guiadas por princípios como protagonismo camponês, horizontalidade, diálogo, construção coletiva, respeito aos saberes e conhecimento locais.

Resultados alcançados

No período de 2008 a 2012, houve uma forte interação com o Colegiado Territorial que propiciou uma compreensão ampla sobre importância estratégica de um território de identidade rural na potencialização de inovação agroecológica na região, pela integração dos atores sociais e não setorização das questões sistêmicas. Essa ação viabilizou a realização de DRP's que possibilitou a identificação de eixos de desenvolvimento rural sustentável e solidário do território.

Houve uma ampliação da percepção da grande importância de toda a família participar no processo de intercâmbio e uso na alimentação da maior quantidade de alimentos produzidos *in loco* para a autonomia alimentar, tanto nos aspectos de soberania quanto no de segurança alimentar.

Neste ciclo foram realizados intercâmbios, com graus diferenciados de complexidade no manejo agroecológico, constando-se o máximo de complexidade na prática de uma das famílias que usa os conceitos da agrofloresta sucessional, que é denominada por “roça do futuro”; até manejos mais simples que constam da produção de húmus em vermicompostagem e consórcios simples.

Foi evidenciada a importância do campesinato e da agroecologia na produção de alimentos saudáveis, fibras e energia sem impactos negativos à natureza.

Identificaram-se as principais experiências de transição agroecológica da região, consolidaram-se as redes existentes e, viabilizou-se a criação de formas inovadoras de intercâmbio de experiências, potencializada pela metodologia ajustada.

Conclusões

Pode-se concluir que a metodologia “campesino a campesino” mostrou-se eficiente para a irradiação do conhecimento agroecológico para territórios de identidade rural visando dotá-los de sistemas de produção agrícola de base mais ecológica.

Os aprendizados referem-se à forma de construção coletiva necessária para a introdução de conhecimento com conceitos de maior complexidade, como agrofloresta sucessional e, a perspectiva de construção de uma nova abordagem para a extensão rural em agricultura familiar e camponesa em territórios de identidade rural.

Referências bibliográficas

CHAVEZ-TAFUR, J. Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências. Brasil: AS-PTA, 58p. 2007.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 93 p. 1983.

GUZMÁN, E. S. Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamiento marxista y libertario. 1ª Ed. La Paz-Bolivia: Plural editores., 168 p. 2011.

HOLT-GIMÉNEZ, E. Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable. Managua, 294 p. 2008.

SOSA, B.M.; JAIME, A.M.R.; LOZANO, D.R.A.; ROSSET, P.M. Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba. ANAP. 2011.

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico rural participativo: guia práctico DRP. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)/Secretaria da Agricultura Familiar, 62 p. 2007.